



## Germano Almeida: diálogos entre Cabo Verde e Portugal

### *Germano Almeida: dialogues between Cape Verde and Portugal*

MARIA DO CARMO PINHEIRO SILVA CARDOSO MENDES<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O ensaio analisa o modo como a literatura cabo-verdiana contemporânea tem contribuído para estabelecer diálogos interculturais, destacando a ficção narrativa de Germano Almeida.

Numa perspetiva comparativista, o texto tem como principais propósitos: 1) identificar os mais relevantes motivos e temas da literatura cabo-verdiana contemporânea; 2) reconhecer a presença desses motivos e temas na obra literária de Germano Almeida, em particular nos romances *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (1989) e *Eva* (2006); 3) reconstituir o pensamento do escritor cabo-verdiano acerca dos conceitos de lusofonia e pós-colonialismo; 4) determinar em que medida a ficção de Germano Almeida é um valioso contributo artístico para a promoção de relações entre literaturas e culturas de expressão portuguesa.

**Palavras-Chave:** Almeida (Germano); Cabo Verde; Portugal; literatura lusófona

#### **Abstract**

The essay examines how contemporary Cape Verdean literature has contributed to establish intercultural dialogues, highlighting the narrative fiction of Germano Almeida.

From a comparative point of view, the text's main purposes are: 1) to identify the most relevant motifs and themes of contemporary Cape Verdean literature, 2) to recognize the presence of these motifs and themes in Almeida's literary work, in particular in the novels *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (1989) and *Eva* (2006); 3) to reconstruct the writer's thinking about the concepts of Cape Verdean and Lusophone postcolonialism, 4) to determine to what extent Germano Almeida's fiction is a valuable contribution to the promotion of artistic relations between literature and Portuguese-speaking cultures.

**Keywords:** Almeida (Germano); Cape Verde; Portugal; Lusophone literature

---

### **1. INTRODUÇÃO**

A biografia e a vasta obra literária de Germano Almeida, escritor cabo-verdiano nascido em 1945 e hoje considerado um dos mais relevantes autores do panorama do arquipélago, têm contribuído para desenvolver diálogos entre Portugal e esta antiga colónia.

Como colaborador e primeiro editor da publicação *Ponto e Vírgula* (1983), o escritor cedo começou a criar “um novo impulso, o de inventar o futuro da literatura cabo-verdiana” (Santilli, 2007: 169).

---

<sup>1</sup> Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, mcpinheiro@ilch.uminho.pt

O contributo de Germano Almeida para aproximar os dois países é partilhado por outros escritores caboverdianos contemporâneos – por exemplo, por Arménio Vieira, prémio Camões em 2011 – que ao mesmo tempo se afastam do legado de *Claridade*<sup>2</sup> – cujo ideário consistia em fixar raízes no solo caboverdiano, dedicando-se, primeiro na poesia, depois na ficção narrativa com Baltasar Lopes e Manuel Lopes, a abordar problemáticas como as vicissitudes climatéricas, feitas de longos períodos sem chuva, as carências económicas e a emigração – e se debruçam sobre outras questões, designadamente as que dizem respeito aos últimos anos da colonização portuguesa e à História de Cabo Verde, uma vez alcançada a independência, em 1975, até ao princípio do século XXI.

Por razões de economia temporal, concentrarei a análise em dois romances de Germano Almeida, *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (1991) e *Eva* (2006), procurando detetar em ambos: os motivos mais significativos; as marcas da pós-colonialidade; o valor das duas obras literárias na promoção de relações entre literaturas e culturas de expressão portuguesa.

## **2. IMAGENS DE CABO VERDE EM *O TESTAMENTO DO SENHOR NAPUMOCENO DA SILVA ARAÚJO***

Em *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, o título antecipa o conteúdo de um documento que, para além de disposições testamentárias, é um livro de memórias sobre um comerciante mindelense e a sua existência de cerca de 80 anos, durante a qual o protagonista se empenhara a construir a imagem de *self-made man*, comerciante de honestidade irrepreensível, e homem de intocável “exemplaridade em questões de mulheres” (Almeida, 1991: 13). Todavia, ao longo da leitura do testamento desvenda-se uma vida privada que conduz outras personagens a qualificarem Napumoceno como “concupiscente” e “lascivo”. A filha Maria da Graça, sua principal herdeira, nasce de relações sexuais que Araújo estabelece com a empregada de limpeza do seu escritório, sendo que tais envolvimento se baseiam exclusivamente na ascendência do maior forte sobre o mais fraco, isto é, do homem abastado e socialmente muito apreciado sobre a mulher de escassos recursos económicos.

As posições políticas de Napumoceno revelam um espírito que sente dificuldade em acomodar-se a mudanças, sobretudo porque elas podem alterar a sua condição de comerciante bem sucedido. O fim da colonização portuguesa e o início de um novo ciclo político levam-no a observar com perplexidade a saída massiva de influentes

<sup>2</sup> Considerada marco fundador da cabo-verdianidade, a revista *Claridade* vem a lume em 1936 e apresenta como princípios fundamentais o afastamento dos cânones portugueses (nomeadamente em termos linguísticos, o que terá determinado que o primeiro número contivesse um poema em crioulo) e a expressão da voz do povo do arquipélago. Nos números publicados até 1957, *Claridade* assume-se como um projeto de respeito pelos valores caboverdianos e de tratamento de motivos literários particularmente acutilantes para a compreensão desses mesmos valores: a insularidade, os períodos prolongados de seca, a fome e a emigração. Tais valores e tais motivos mobilizam escritores pós-claridosos e, no caso específico de Germano Almeida, eles são representados, entre outros, no romance *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*.

membros da União Nacional para o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC): “ficava especialmente confuso ao ver os homens que gritavam ontem que Portugal é um todo do Minho a Timor gritarem hoje com mais força ainda que a independência é um direito dos povos, não ao referendo, não à federação, não a outros partidos, só PAIGC é força, luz e guia do nosso povo” (*idem* 44).

Nos derradeiros anos da colonização portuguesa, Napumoceno não assume a sua neutralidade perante a mudança de atitude política e cívica de muitos dos seus compatriotas, sentindo apenas que “tinha dificuldades em tomar posição” (*ibidem*). E mesmo quando é convidado para fazer parte de um partido de oposição ao PAIGC, temendo que este implante em Cabo Verde o “comunismo” e contribua para a “propriedade desrespeitada” (*ibidem*), sente que essa filiação lhe é impossível, porque o projeto desse partido não contempla

Aqueles que nunca tiveram nada, os que almoçam e não sabem se vão jantar, os que não foram para a escola porque não há escolas, os que adoecem e não têm remédios. (...) eram esses que tanto morriam de chuva como de falta de chuva que estavam pelas ruas gritando uma esperança e se agora descobriam um guia para a sua libertação, ele Napumoceno não se sentia com direito de se lhes opor (*idem*, 45).

Importa também considerar o sentido de pós-colonialidade oferecido por este romance. Segundo Boaventura Sousa Santos (2002: 13), são duas as aceções desta expressão: “um período histórico que se sucede à independência das colónias” e “um conjunto de práticas e de discursos que desvaloriza a narrativa colonial escrita pelo colonizador, ao mesmo tempo que procura substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado”<sup>3</sup>.

O segundo sentido aplica-se inteiramente a este romance: o seu protagonista é um caboverdiano e todo o enfoque é nele colocado. O próprio desvendará no “livro de memórias” episódios e facetas do seu carácter que se esforçara por ocultar durante uma longa vida.

Justamente a partir do olhar de Napumoceno, o romance problematiza conflitos inter-regionais que opõem ilhas do arquipélago. A este respeito, é especialmente significativo o juízo de valor do protagonista sobre a ilha de S. Vicente. Originário de S. Nicolau, Napumoceno parte de um pressuposto histórico – o povoamento recente da ilha de S. Vicente recorrendo a habitantes de outras ilhas forçados à migração (cf. *idem*, 140) – para defender que a mudança de lugar de origem conduziu tais compatriotas a confrontarem-se com

<sup>3</sup> Creio que também se adequa aos dois romances de Germano Almeida em análise o sentido de “pós-colonialidade” tal como ele é apresentado por Ana Mafalda Leite (2003: 9). Começando por assinalar o sentido cronológico do termo – “o termo ‘post-colonial state’, usado pelos historiadores, designa os países recém-independentes” –, a autora assinala que, a partir da década de 1970, ele é “usado pela crítica em diversas áreas de estudo para discutir os efeitos culturais da colonização. Considerado neste sentido, ‘pós-colonial’ não designa um conceito histórico ou diacrónico, mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia. A crítica pós-colonial considera os temas e as formas imperiais caducos, esforça-se por combater e refutar as suas categorias e propor uma nova visão de um mundo, caracterizado pela coexistência de línguas e de culturas”.

Um espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde para sobreviver, são obrigad[o]s a miscigenar diferentes culturas regionais com o consequente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente majoritária para se impor. É esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de S. Vicente um ser leviano e fluido, sem a salutar verticalidade e firmeza do natural de Santo Antão ou Santiago onde os valores sociais regionais se mantiveram inatingíveis (*ibidem*).

Conclui-se portanto que interessam ao narrador questões que se prendem com a própria sociedade caboverdiana. E o facto de o romance omitir quaisquer referências à cor de pele – cruciais naqueles textos onde impera o ponto de vista do colonizado – substituindo-as por outra ordem de preconceitos – os que dizem respeito a assimetrias em função do género e da classe social – comprova também a vertente pós-colonial desta obra.

Se em *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, o narrador problematiza questões baseadas nesta ordem de preconceitos, em *Eva* revela outras inquietações que, também elas, equacionam as relações entre Cabo Verde e Portugal.

### 3. RECONCILIAÇÃO COM O PASSADO

*Eva* localiza-se numa temporalidade diferente, a da pós-independência. Assiste-se neste romance a um distanciamento crítico e a um conjunto de três focalizações que avaliam de forma diferenciada acontecimentos que se prendem com os últimos anos da presença portuguesa em Cabo Verde e aqueles que se sucedem à independência, até aos alvares do século XXI. O humor que marca decisivamente o romance anterior mantém-se, mas creio que há agora um alargamento de problemáticas que permitem acentuar muito mais as vertentes civilizacional, ideológica e cultural.

A mudança de protagonismo – do masculino para o feminino – é em si mesma uma marca subversora: enquanto militante política – envolvida na causa de autodeterminação de Timor-Leste, em todas as manifestações anti-coloniais e na luta contra a ditadura portuguesa –, Eva representa o inconformismo, que o autor empírico partilha, perante quaisquer formas de alienação e de autoritarismo.

Logo no capítulo de abertura, são evidentes aspetos que revelam uma espécie de reconciliação com o passado, aquele que remete para os últimos anos da presença de Portugal no arquipélago. O encontro de dois caboverdianos em Lisboa e o diálogo que iniciam acerca de uma mulher ausente – a mesma – com a qual mantêm relações há mais de uma década é o ponto de partida para diversos juízos de valor sobre Cabo Verde, Portugal, e as relações – pretéritas e presentes – entre os dois países.

Assinalarei apenas os mais relevantes comentários produzidos pelo texto. Sendo certo que existem ao longo dos quatro capítulos diversos conflitos culturais e sócio-económicos latentes – por exemplo, entre portugueses e cabovedianos de segunda geração que vivem em bairros que circundam Lisboa – é ao racismo

que é concedido maior relevo. O romance não reflete sobre preconceitos racistas existentes durante a colonização, mas sim sobre manifestações atuais de racismo evidenciadas em episódios de agressões físicas a negros vividos na própria capital portuguesa do início do século XXI.

O narrador analisa também formas de marginalização de emigrantes caboverdianos de segunda e terceira gerações que buscaram Lisboa como “terra de promessa” (*idem*, 125) e afinal encontraram condições de vida muito debilitantes, porque “Portugal não [lhes] reconhecia a condição de portugueses, afora um ou outro que tinha a sorte de se revelar excelente em alguma arte, fosse música, desporto ou atletismo” (*idem*, 128). Estes compatriotas são, segundo a personagem de Reinaldo, todos os que alimentaram elevadas expectativas na emigração e acabaram compelidos a “juntarem-se em guetos que lhes impossibilitavam toda e qualquer hipótese de integração nas novas terras de acolhimento” (*idem*, 147).

A obra apresenta ainda um conjunto de reflexões sobre a atitude dos caboverdianos face à independência. São visões contrastantes perante o mesmo acontecimento: de um lado, situa-se Luís Henriques, sustentando parodicamente que a presença de Portugal em Cabo Verde foi perniciosa e o seu legado se reduziu a três “importantes heranças”: “a língua portuguesa, as mulheres portuguesas e o vinho português”; do lado contrário, posiciona-se a personagem de Reinaldo, um jornalista encarregado de conhecer a situação de caboverdianos que vivem em Portugal. A missão que Reinaldo se propõe cumprir é dupla: “dar a conhecer ao mundo o que este minúsculo país, tido como inviável em 1975, tinha conseguido construir em menos de 30 anos” (*idem*, 30) e relatar as vidas daqueles compatriotas, os “caboverdianos exilados” (*idem*, 21), que decidiram abandonar Cabo Verde em 1975 e vieram para Portugal:

Queria ouvir os que durante toda a vida souberam e sentiram Cabo Verde como parte integrante de Portugal e de repente se tinham visto desmamados e perdidos, porque abandonados pela Mãe Pátria e entregues a terceiros pelo próprio governo do país que era o deles. (...) começara a sonhar com um livro que fosse ao mesmo tempo uma homenagem a todos que tínhamos optado por ficar em Cabo Verde e assumir os riscos e incertezas de uma independência problemática e na qual o mundo não acreditava (*idem*: 21).

Encontramos ainda diversas considerações sobre a situação atual de Cabo Verde, mais de trinta anos depois da colonização: um país que é encarado por alguns como lugar para “turismo sexual”; um país onde se regista uma assinalável escassez de bens culturais – nomeadamente livros; mas também um arquipélago que rapidamente se modernizou ao longo das últimas décadas.

Creio que, sob vários ângulos, *Eva* é uma subversão paródica da tese luso-tropicalista defendida pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. A relação típica do colonizador branco com a colonizada negra – uma relação assente em preconceitos de género e de raça – é convertida num envolvimento entre uma sedutora mulher branca e dois mestiços caboverdianos. Num significativo episódio que inverte prerrogativas tradicionalmente concedidas ao masculino, Eva esbofeteia Luís Henriques em público, fazendo-o experimentar uma humilhação intolerável à sua condição de homem.

Os envolvimento amorosos desta mulher – não apenas com dois amantes simultâneos num longo período temporal, mas também com homens com os quais se relaciona sexualmente numa noite, por acaso, e cujas identidades se recusa a conhecer – revelam, em última análise, uma resistência contra o autoritarismo paternalista da colonização.

Um último tópico que gostaria de assinalar prende-se com o modo como são observadas neste romance as relações do passado recente e da atualidade entre Cabo Verde e Portugal: elas são feitas de acertos e desacertos. A temporalidade extensa do enredo justifica que tais relacionamentos se reportem tanto ao final da colonização portuguesa de África, quanto ao comportamento dos caboverdianos na independência, quanto ainda às mutações que o arquipélago vem conhecendo até ao momento presente.

Parece-me interessante apreciar um acontecimento marcante na História portuguesa – a revolução de 25 de abril de 1974 – valorizado no romance não enquanto episódio que marcou a transição da ditadura para a democracia, mas como facto que abriu o caminho para a independência de colónias africanas.

#### 4. NOTAS FINAIS

Em jeito de conclusão, realçarei algumas ideias explanadas ao longo deste ensaio. Os dois romances de Germano Almeida constroem narrativas que, de formas diferenciadas, contribuem para aquilo que poderia designar-se como uma reconciliação com a História das relações entre Cabo Verde e Portugal. No caso de *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, a focalização em questões como a prepotência do mais forte – o comerciante de recursos – sobre o mais fraco – a empregada de limpeza – e a obliteração de reflexões acerca de preconceitos raciais revela uma abordagem que, simbolicamente, quase omite a presença colonial em Cabo Verde.

Já no que respeita a *Eva*, julgo que o distanciamento cronológico propicia focalizações mais abrangentes. Não pode dizer-se que as feridas do passado tenham sido totalmente esquecidas, mas há uma clara matização da responsabilidade de Portugal, enquanto país colonizador, nos infortúnios do arquipélago caboverdiano. A Eva, protagonista do romance homónimo, cabe também esta função, afirmando que, injustificadamente, para muitos caboverdianos o colonialismo representou “a eterna desculpa para tudo de mal que continua acontecendo neste país, ainda que por desleixo exclusivo dos cabo-verdianos” (*idem*, 67-8).

Não pretendo com isto afirmar que o romance procede a uma rasura da colonização portuguesa de Cabo Verde. Pelo contrário, persistem mágoas, sobretudo as que dizem respeito à guerra colonial, apresentada como um processo simultaneamente exaltante e doloroso (cf. *idem*, 15) e qualificada negativamente pela ação das “tropas portuguesas estacionadas na ilha” que, agindo arrogantemente como “donos

e senhores das terras e das gentes, mais não faziam que acirrar cada vez mais a nossa aversão à sua presença” (*ibidem*).

O que o romance procura transmitir é o princípio de que a independência não foi uma “mágica resolução de todos os (...) seculares problemas de secas e fomes, e ausência de saúde, e falta de escolas, e falta de trabalho, e mais que durante toda a (...) existência [Cabo Verde] não tinha tido” (*idem*, 16).

A evolução política de Cabo Verde – contemplando considerações negativas sobre o regime de partido único que vigoraria até às primeiras eleições pluripartidárias, em 1991 – e a condição de caboverdianos emigrantes de segunda e terceira gerações a residirem em Portugal, particularmente em bairros da grande Lisboa, assumem um lugar destacado no romance.

O diálogo entre Cabo Verde e Portugal passa também, na perspetiva veiculada por Germano Almeida, pela superação de práticas que atualmente continuam a marginalizar e a ostracizar grupos minoritários. Assim, a derradeira proposta feita pelo escritor passa pela promoção de práticas de inclusão que, a não existirem, não permitem encerrar definitivamente comportamentos típicos do colonialismo, ainda que atualmente mais subtis e mais dissimulados.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, G. (1991) *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, Lisboa: Caminho.
- Almeida, G. (2006) *Eva*, Lisboa: Caminho.
- Freyre, G. (1933) *Casa Grande & Senzala*, Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, Ltda.
- Freyre, G. (1940) *O mundo que o português criou*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Leite, A. M. (2003) *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, Lisboa: Edições Colibri.
- Santilli, M. A. (2007) *Literaturas de Língua Portuguesa. Marcos e Marcas – Cabo Verde – Ilhas do Atlântico em Prosa e Verso*, São Paulo: Arte e Ciência.
- Santos, B. S. (2002) ‘Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism, and Inter-identity’, *Luso-Brazilian Review*, XXXIX, II: 9-43.